

O DISCURSO REVELANDO IDENTIDADE: A IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS PROFESSORES E A CONTEXTUALIZAÇÃO DO ENSINO MÉDIO NO MUNICÍPIO DE TOLEDO

Lígia Wilhelms Eras¹

Resumo: No artigo se percebe a fala como rico recurso metodológico e simbólico de apreensão da identidade profissional em construção. Durante a realização de entrevista qualitativa aberta, os professores revelaram diversos elementos simbólicos importantes para a constituição de sua identidade profissional, trajetórias pessoais e profissionais e o seu "eu" identificado no aluno, na sociedade e no Estado. Há, inclusive, a apresentação de tabelas comentadas como forma de contextualizar o ensino médio no município de Toledo, auxiliando a reflexão em torno da construção da identidade dos professores.

Palavras-chave: metodologia, discurso, identidade profissional, educação

Abstract: In the article it is noticed the speech as rich methodological and symbolic resource of apprehension of the professional identity in construction. During the accomplishment of open qualitative interview, the teachers revealed several important symbolic elements for the constitution of his/her professional identity, personal and professional paths and yours "me" identified in the student, in the society and in the State. There is besides presentation of tables commented on as context form the medium teaching in the municipal district of Toledo aiding the reflection around the construction of the teachers' identity.

Word-key: methodology, speech, professional identity, education

Introdução

Dentre os elementos simbólicos, a fala se apresenta, para expressar o cotidiano e o mundo nossa volta, como dos mais importantes e rotineiros. "Os símbolos são instrumentos por excelência de integração social enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação - tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui para a reprodução da ordem social"². Levando em consideração tal importância que guarda o ato de falar, elaboramos este artigo, todo

¹ Pesquisadora e docente auxiliar do Curso de Ciências Sociais. Departamento de Ciências Sociais. UNIOESTE. Campus de Toledo. E-mail: ligiaeras@hotmail.com

² BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

dedicado à recuperação do discurso do profissional professor, falando de si, definindo-se e definindo o espaço à sua volta.

Como forma de preservar a identidade pessoal e profissional dos entrevistados, decidimos citá-los, durante a transcrição de algumas falas, através de heterônimos, retirados da cultura grega, citando os entrevistados com nomes de deuses gregos, que tinham em suas figuras mitológicas virtudes e defeitos como forma de falar do humano. Utilizaremos, então, para as três pessoas entrevistadas, três nomes relacionados a essa mitologia³. O primeiro entrevistado chamaremos de “professor Possêidon”, a segunda entrevistada, de “Atenas”, e a terceira entrevistada, de “Héstia”.

O primeiro entrevistado, o professor Possêidon, é casado e leciona em três colégios de nossa região, somente no período noturno e para turmas do ensino médio. Não tem a profissão de professor como a sua principal profissão, enfatizando bem sua formação “multifuncional”, apesar de dizer que gosta muito da profissão de professor e ter na família o principal referencial, onde praticamente todos estão envolvidos com o exercício deste ofício.

A segunda entrevistada, a professora Atenas, apresenta maior experiência no magistério dentre os entrevistados, atuando já há 20 anos, e leciona a disciplina de Artes. Tem um trabalho paralelo ao magistério, dedica-se a um atelier montado em sua casa, ministrando aulas de pintura e confeccionando seus próprios quadros como atividade complementar. Trabalha tanto no ensino médio como no fundamental, durante os três turnos de atividade, com dois padrões de 20 horas cada, em dois colégios de nossa cidade. Também tem uma trajetória pessoal e de vida diversificada, pois já atuou como bancária e até como guia turística. É divorciada e tem filhos.

Já a terceira entrevistada, a professora Héstita, começou sua carreira lecionando com a licenciatura curta até concluir a pós-graduação. Atua somente em um colégio durante os três horários de aula, com dois padrões de 20 horas cada, trabalhando tanto no ensino fundamental como no ensino médio, ministrando as disciplinas de Ciência e Matemática. Ser professor, também, durante muito tempo, não foi a sua principal profissão. Atuou, por alguns anos, em uma grande empresa estatal da cidade como escriturária. Hoje, além das aulas, dedica-se também à administração de um “mercadinho” de propriedade familiar.

³ A escolha dos codinomes foi feita de maneira aleatória.

A experiência do método de entrevista foi riquíssima e o material adquirido foi amplo, privilegiando a ótica do ator social que lida diretamente com a profissão, com enfoque do seu olhar para o fenômeno educacional, ao mesmo tempo revelando a visão do professor, de si mesmo, dentro do campo da Educação e dentro da Sociedade. O depoente aqui é testemunha da Educação de sua época e de seu contexto de ação.

O objetivo da pesquisa busca elementos que atuem na construção identitária desse profissional, resolvemos enfatizar os aspectos relacionados à *trajetória pessoal e profissional*, que revelam muito nos pequenos e importantes detalhes rotineiros da sua vida, no papel de professor, sabendo-se que a experiência singular dos entrevistados revela muitos aspectos frequentes das trajetórias profissionais dos professores, que assim se vão *autodefinindo*. A *vocação* é uma extensão da trajetória profissional e pessoal e revela o que de fato impulsionou a exercer a profissão e a visão no hoje, século XXI, diante das mudanças a que a profissão está sujeita e das tendências na nova sociedade.

A *percepção do outro* aparece em três principais momentos de interação com o seu “eu”, na identidade de professor: a) quando fala das *turmas de ensino médio*, automaticamente aparece a figura do *aluno*, o seu outro mais próximo e a razão de ser da profissão, isto é, formar alguém; b) nas políticas públicas, o professor vê o outro no *Estado*, responsável pela regulação estrutural da educação e, conseqüentemente, de seu ofício; c) perguntando da *imagem que a sociedade* tem do professor, veio à tona justamente *como o professor se percebe diante da sociedade*, um outro, relacionado ao mundo exterior ao meio educacional, que também o norteia.

Nesta apresentação haverá, ainda, exposição de tabelas comentadas, elaboradas através da coleta de dados, dos 15 colégios onde funcionam os estabelecimentos do ensino médio da cidade de Toledo, a fim de melhor contextualizar o nosso objeto de estudo e o quadro da educação nesse contexto.

A fala dos atores em questão: os professores e os elementos de construção dessa identidade profissional

Nos discursos, das entrevistas realizadas com os próprios professores, aparecem as maneiras de se situarem e se auto-identificarem como pessoas e como profissionais e, dessa forma, vão surgindo, no

decorrer da construção das suas falas os agentes que estão em interação direta com sua profissão.

Através da trajetória particular de Possêidon, percebemos uma situação muito comum e complicada, especialmente na carreira do professor, em que a maioria inicia o exercício da função com uma turma que não é sua, e é momentânea.

“... eu trabalhei 4 meses na substituição e parei, e daí no outro ano me chamaram como efetivo e daí eu resolvi assumir, fiquei na dúvida entre assumir ou não um padrão (...) eu precisava preencher a grade, e a possibilidade era o curso de enfermagem”.

Note-se que Possêidon mostrou outra situação específica do magistério, que será também colocada pelos outros entrevistados - a necessidade de preencher seu “padrão”, que seria uma carga horária de 20 horas, em outro estabelecimento de ensino diferente do qual está lotado. Ainda, dessa trajetória, Possêidon afirma que o magistério não é a sua única profissão e nem a sua principal atividade.

“Eu trabalho na (empresa estatal), na área de cadastro de rede, e aliás eu sou formado em técnico de eletromecânica industrial (...) a minha família é toda de professor (...) mas eu sempre gostei disso, mas eu não achava a remuneração adequada e eu ganhava muito bem, quando eu comecei a trabalhar e depois acabei é conciliar os dois serviços e eu fiquei num que eu ganhava bem e no outro que eu me divertia (...) eu acho que dar aula pra mim eu me divirto”⁴.

Possêidon tem uma realização profissional diferente ao dar aula, pelo fato de transmitir conhecimentos, o saber, e estar em constante aprendizado através dessa atuação. Ao comentar, toca na questão da remuneração, que será central como elemento construtor de identidade nesta profissão⁵.

⁴ Com relação ao fato de a profissão de professor ser a sua segunda profissão, temos essa fala:

“observando as escolas em que eu trabalhei, nós éramos os professores da noite (o apego ao grupo dos professores da noite, que não pertenciam unicamente ao quadro do magistério, assumiam mais de uma profissão), 70% ser professor era a segunda profissão, engenheiros, advogados”.

⁵ Voltaremos a discutir especificamente esse ponto durante a elaboração deste artigo.

Já Atenas coloca outra situação percebida durante a sua trajetória profissional. Trata-se do fato de ter de completar hora padrão fora da área de atuação. Demonstra indignação por ser Arte a disciplina geralmente escolhida apenas para completar o quadro, ou a opção do professor em completar sua carga horária em outro colégio, não naquele em que está lotado. Também exerce uma atividade além do magistério:

“Tenho um atelier que é uma profissão paralela ao magistério. Faço porque eu sou obrigada. Gosto. Mas, pelo fato de eu ter 40 horas no Estado, eu não faria se eu não fosse obrigada a fazer, porque é muito, muito puxado. Eu, por exemplo, na 4ª feira, eu tô trabalhando segunda, de manhã, à tarde e à noite, terça de manhã, a tarde e à noite, quarta de manhã, à tarde e à noite. Quando chega 4ª feira à noite parece que eu tô entrando em paranóia já, de tão estressada fisicamente (...). Eu até largaria um padrão do Estado, hoje eu tenho um padrão que eu tô pra me aposentar, já poderia estar aposentada, só não me aposentei por causa da idade, daí me pegaram pela idade (...), não é que eu quero me aposentar, (...), mas daí eu vou me dedicar mais a quem quer saber de Artes”.

A professora Héstita apresenta toda uma trajetória histórico-geográfico-profissional. Veio do Rio Grande do Sul, onde fez sua faculdade, e, ao estabelecer moradia em Toledo, começou a lecionar aqui com a licenciatura curta, assim como Atenas, e concluiu a faculdade durante as férias. Outra atividade, além da atuação como professora, é a administração de um “mercadinho” de propriedade familiar, como sócia juntamente com seu irmão. Também assume grande carga horária de trabalho, lecionando, como Atenas, tanto no ensino fundamental como no médio, em duas disciplinas, num total de 40 horas semanais.

Quanto à *vocação e à situação da profissão*, os professores resgatam muitos aspectos positivos, quando dizem o que os impulsionou a abraçar a profissão e como vêem o sentido da mesma. Também percebem que a mudança é um ponto central na nova postura do professor enquanto profissional, fazendo pensar sua atuação nesse futuro, comparando com o que foi no passado e como, na visão de cada um, se instala a problemática da profissão.

Possêidon vê o exercício da docência como importante, pelo fato de ter a oportunidade de “passar algo aos outros”, com a idéia de prestação de serviço, partilha, dizendo que, ao mesmo tempo, “você aprende”. O seu sentido do ofício, automaticamente, revela uma face do seu “eu” atuando.

“Ser professor você não é responsável pelo que você faz, você tem que gostar, (...) talvez você seja a ponte entre o sucesso e o fracasso de alguém, você sendo fraco você pode deixar essa pessoa marcada pro resto da vida, é emoção, você tem que ser show”.

“A profissão de professor é uma coisa que é de dentro para fora, ela vem do coração...”.

É quase que um “ethos profissional”. É a sua distinção profissional com relação a outras profissões, o resgate da profissão enquanto algo que é interior na forma de se assumir o papel de professor.

Possêidon compara a situação da sua profissão, fazendo uma ponte entre o ontem e o hoje. O entrevistado põe em relevo a profissão no passado, com um apego ao reconhecimento que tinha em outros tempos. Note-se que essa memória evocada não é a sua memória pessoal.

“O professor antigamente era melhor colocado, ele era mais importante, chegava e chamava o professor, era quase um doutor (...). Hoje em dia as pessoas até queriam a profissão, mas pagam muito mal (...). Buscam a profissão (outras profissões) mais por dinheiro do que por paixão”.

A problemática, segundo Possêidon, está no fato de os professores estarem muito desacreditados de que algo possa ser melhorado dentro da profissão e da Educação.

“Não acho justo que o cara vai ter que estudar a vida inteira para ter uma profissão e ela não ser conivente com o que ele ganha, eu não acho que é culpa da sociedade em si, as próprias pessoas permitem ser mal remuneradas”.

Quanto à tendência, a marca da profissão para o século XXI, Possêidon percebe como um importante papel a presença do professor

que, além de formar e informar, será um mediador de sua época:

“Vai ser o ponto de equilíbrio, porque são os professores que vão fazer essa galera aí evoluir, ela transformar. Eu acho que ele tem um peso grande ainda”.

Atenas também fala do sentido do ofício. É notável a auto-identificação que vai elencando para a profissão:

É um sentido de vida complicado (...) de muita responsabilidade, eu falo isso porque, você percebe quando você serve para ser um professor (...) não pode ter medo do aluno, não pode ter medo do seu conteúdo, não pode ter medo de dizer, (...) o professor tem que gostar do que faz (...) quando realmente ele é professor ele é mais do que faz (...) ele é mais do que muitos elementos que representa a sociedade. Por quê? A gente convive muito com as crianças, com os adolescentes que me beijam todos os dias (...) eles têm a necessidade de fazer isso com a suas mães (...) eu já tenho mais de 20 anos no magistério...”.

“E é se doar, o professor tem que se dar, mas ao mesmo tempo tem que se respeitar como profissional (...) se vê o professor como apenas um doador (...) não existe respeito e muitas vezes os professores ficam magoados com isso”.

A maneira como vê seu ofício mostra um apego a um valor transcendente, ou seja, o médico está ligado ao valor da vida e o professor no valor de ensinar, do conhecimento. É esta a credencial que o diferencia e o torna relevante. É isto que move seu princípio de identificação a partir da profissão. É uma distinção profissional.

A maneira como Héstia vê a profissão coloca o papel do professor muito mais como mediador, não mais com a idéia de que professor é o detentor do saber, mas informa e é percebido como um instrumento de decodificação das informações:

“O professor é só um facilitador, ele não é mais aquela pessoa vai lá na frente, transmite e o aluno vai assumir tudo aquilo ali (...). Também retoma o fato de que é necessário gostar e ter paciência (...) estar preparado”.

Quando fala do fator mudança dentro da profissão de profes-

sor, Héstia percebe como um fenômeno que transformou de modo especial o mundo das profissões, mas, nota que a profissão de professor de maneira particular, não acatou, segundo ela, todas essas mudanças. Em sua ótica, percebe que pouco mudou.

“As mudanças que aconteceram nas demais profissões, o enxugamento do pessoal devido à informatização. Já na escola aconteceu o contrário. Nós continuamos ainda com aquele quadro, giz, papel, folha, retroprojetor. O que está ainda distante dessa maneira de informatização (...) e depois nem todos os professores estão preparados para atuar com isso (...). Então, por mais que houvesse uma mudança, muitos não estariam preparados, nem eu talvez estivesse preparada, mas eu acho que estamos ainda muito voltados ao ensino tradicional”.

Percebe a problemática da profissão no seu outro mais próximo, o aluno, na falta de interesse em estudar e o fato de conviver com uma sociedade tão desestruturada, resgatando um multipapel que acaba assumindo diante dessas situações:

“Não somos só professores, somos pai, mãe, psicólogo, um pouco de tudo, sabe, essa é a maior problemática. A sociedade em si está ela toda desestruturada. Isso faz com que o aluno não esteja só preocupado em aprender (...) vem pra se socializar com toda uma problemática por trás”.

Num retorno ao tempo, retomando a profissão do professor no passado e comparando com a de hoje, comenta o fato de haver muitos professores em tempo parcial (com outra profissão principal) competindo com os professores propriamente ditos, em regime de dedicação integral. Ela acredita que esse regime parcial e precário, dentro do qual muitos professores estão atuando, possa estar gerando desprestígio da profissão:

“Não é mais visto como profissão gratificante como um tempo atrás (...). Agora nós temos muitos professores atuando, isso também prejudica (...). Tem muito professor que tem umas duas ou três aulinhas. Então, na verdade, ele é professor, mas quase não aparece na estrutura em si”.

Na percepção de outros atores que atuam na configuração de seu eu enquanto professor, temos o outro-aluno, uma referência como identificação profissional, pois, falando do outro-aluno fala-se também de si mesmo. O entrevistado Possêidon vê dificuldade no ensino médio quanto ao fato de a maioria dos alunos vir de diversas escolas e também por não estarem habituados a ter aula à noite. Cita também o problema dos alunos que estudam e trabalham. Mais uma vez, identifica o “outro”, o aluno que participa do seu processo interativo na construção da sua identidade.

“Eles começam a trabalhar fora, então eles não agüentam a noite inteira. Então a coisa fica feia. Você começa a ir se envolvendo um monte de coisa pra você conseguir fazer aquele povo ficar acordado senão eles vão embora mesmo”.

Veja-se como a identidade do professor é extremamente relacional – assume para si a responsabilidade de provocar o interesse do aluno, sabendo-se que deveria vir do aluno o interesse, ficando em sala de aula e vendo a sua importância. Possêidon é muito ilustrativo ao explicitar as rotinas mais simples, deixando aparecer alguns quadros da realidade educacional e identitária:

“O ano passado eu tive aula no Novo Horizonte, no Jardim Coopagro, e a maioria dos meus alunos eram funcionários daquelas fábricas de roupas, eles vinham na escola e depois voltavam pra fábrica (...) então eles faziam algumas matérias e vinham conforme a proporcionalidade de faltas que eles podiam ter e depois voltavam a trabalhar, então tavam sempre no limite de notas e de faltas, era só para cumprir tabela mesmo”.

Aqui Possêidon se refere aos alunos que aparecem como o ponto de referência mais próximo dentro da sala de aula e que participam da sua construção da identidade profissional, sendo eles um meio pelo qual assume uma postura, uma metodologia e uma maneira de conduzir a aula, apresentando-se como um profissional. Os alunos são o principal motivo de o professor estar ali, e o aprendizado do aluno é o objetivo de ser de sua profissão.

Para a professora Atenas, o aluno é buscado muito próximo a si:

“Eu tenho adolescentes que me beijam, todos os dias, me levantam, me jogam pro ar, eu acho que eles têm uma necessidade de fazer isso com suas mães, eu tenho certeza que eles me vêem como uma mãe”.

É a relação do professor, similar à relação pai-filho ou mãe-filho, conduzindo no caminho do conhecimento. Há também uma questão negativa na relação com outros alunos, quando relata outras situações de alunos na Educação hoje:

“Nós temos alunos que são ladrões, são assassinos, são agressivos e você tá ali na frente, tá dando a sua cara pra bater, sempre, e deixa um bichinho desse perceber que você tem medo dele”.

Aqui, Atenas revela a dimensão da violência que começa a tomar o campo da educação nos colégios, um reflexo da pobreza e desigualdades encontrados em muitos colégios.

O aluno é também a forma de expressão de seu sucesso enquanto profissional. Ver esse outro, o aluno, realizado, no efeito de sua dedicação, é rever, com satisfação, estágios desejados pelo próprio professor.

“Com a influência que ela teve de mim, isso é uma coisa que eu faço bastante com o meu pessoal de 2º grau, eu não sabia o que eu queria e eu quero que eles saibam, eu hoje tenho uma ex-aluna minha de magistério, que é professora na Universidade Federal do Paraná, eu acho isso o máximo, e foi influência minha, eu sei que foi porque a menina vinha conversar comigo muito, ela tinha uma tendência muito forte para as Artes e eu puxei demais pra esse lado, e ela foi (...) e já é mestra, ela tá acima do professor, eu não sou mestra ainda eu acho o máximo”.

Pelo fato de ser um problema, segundo a entrevistada, o desinteresse do aluno pela escola, traz implicativos ao professor quando assume uma profissão. Héstia ainda relaciona o seu “outro” quando relata a questão da evasão escolar:

“A grande evasão do período noturno (é bem maior do que o diurno), às vezes faz com que você perca uma turma inteira, você fica

com menos aulas”.

É mais um problema sério, em que a evasão provoca perda de turmas, perda de uma atuação, ficando o vazio no professor, pois o aluno é um referencial seu que desistiu, provocando o desânimo no docente, e sendo fator negativo na auto-estima do professor nesse projeto de escola.

“A principal vantagem é que o teu dia-a-dia nunca é uma rotina, teu dia-a-dia é sempre diferente em sala de aula, você pode dizer eu vou ter aula com tal turma e você chega lá e, é sempre diferente, não é que nem você chegar ali no escritório mexer com papel (...) acontece uma coisa com tal aluno que levanta um problema e você responde”.

O Estado é lembrado e convocado nas questões trabalhistas, que envolvem o ofício de professor, por ser a instância que regula a estrutura educacional, uma vez que esse professor do recorte de estudo pertence ao ensino médio público, sob responsabilidade de gestão desse Estado.

“A Educação no Brasil, eu acho que ela ainda é deficiente. Eu acho que falta investimento principalmente, não só da parte do governo, a função do governo é esta, mas não só, mas a iniciativa privada falta investir”.

A Educação no Paraná, caso específico de sua atuação, é assim percebida e definida:

“Ela não é a melhor do país, tem que se investir em infra-estrutura, está bem melhor do que em outros Estados, mas eu acho que existe muita demagogia ainda, se fala mais do que se faz”.

Atenas, nesse sentido, vê a Educação num tom muito crítico quanto às propagandas do Estado, demonstrando toda a indignação da profissão rebelada contra essa figura reguladora.

“Eu não acredito hoje numa mudança na Educação, não acredito mesmo, só vai mudar se eu fizer mudar, na sala de aula, com o meu mundo (...) mas de

verdade social, política, econômica não vai mudar. Ah, vai acontecer muita coisa legal esse ano, pode ter certeza, esse ano vai ter dinheiro para a educação (...) e muita promessa para a educação, agora o ano que vem acaba o dinheiro, acaba promessa, acaba tudo”.

A remuneração é um ponto central e delicado dessa identidade profissional. É de onde provém a maior reivindicação de reconhecimento. O valor remunerativo é um dado objetivo de aferição pública de valor do professor expresso no salário, e, segundo todos os entrevistados, deixa a desejar pela formação constante exigida dele e pelo alto custo que precisa para mantê-la e continuar se aperfeiçoando. Possêidon assim o diz:

“Minha remuneração é na faixa de R\$ 470,00, por 20 horas, eu acho pouco isso aí, se eu for fazer um curso é quase isso aí, eu tenho faculdade, eu tenho pós-graduação e agora no final da carreira, lá pelos 15 anos você chega nos R\$ 700,00”.

Atenas pega sua tabela de remuneração em mãos, olha e comenta:

“Não existe diferença entre o ensino médio e o ensino fundamental (...) não dá nem pra discutir, morreu, mataram, simplesmente foi assassinado (...) é o nosso salário há 8 anos atrás, fazem oito anos que a nossa tabela salarial é a mesma”.

Héstia lembra também a questão do investimento colocado por Possêidon:

“A gente tem que levar em conta, tem que investir muito em si, em aperfeiçoamento e com isso acaba custando mais, e com o tempo você precisa ter um retorno, às vezes isso não acontece em outras profissões, (...) você entra numa empresa por um tempo e você presta concurso, já o professor tem que estar sempre se aperfeiçoando, sempre correndo atrás”.

O plano de cargos e salários dos professores é uma tabela na qual estão organizados os avanços salariais de acordo com a posição

⁷ A depoente está se referindo ao salário dos professores.

que o professor ocupa, a forma pela qual é contratado (tempo de serviço, formação profissional e aperfeiçoamentos). Possêidon diz que:

“... o plano de cargos e carreira não é o que os professores querem, eles pensam em implantar um novo⁷, e isso já fazem vários anos que o pessoal faz o plano de cargos e salários, o que querem e o governo faz, e então o conflito. Todo ano tem greve, tem conflito, tem movimento, e todo ano não é aprovado, prometem aprovar”.

“... tem algumas eventuais reposições, elas estão extremamente abaixo do que a classe quer se você conseguir fazer cursos, você até chegaria rápido a um bom salário, mas normalmente é difícil conseguir”.

Veja-se. Um plano de cargos e salários que não representa um acordo, mas antes um distanciamento no diálogo entre professores e Estado, ocasiona uma série de conflitos, as greves, manifestações e indignações expressas nas falas dos sujeitos da educação. O professor mostra o desinteresse que vai em participar desse plano de cargos e salários sugerido pelo Estado com breves atualizações e aperfeiçoamentos. Isso implica diretamente a constituição da identidade profissional do professor, como questão motivacional, podendo implicar a baixa qualidade da educação, com um profissional não estimulado pelas políticas públicas. Além de um plano de cargos e salários em desacordo entre professores e Estado, há a dificuldade de mobilidade, ascensão dentro de plano de cargos e salários, pelo alto custo de manutenção de sua formação, que deve ser constante, e pelos cursos oferecidos pelo Estado, que não promovem essa mesma mobilidade dentro dos planos.

A descentralização do Estado nas ações públicas está refletida nesta fala de Héstia:

“O governo já está deixando um monte pra as APM's⁸ fazer, pra comunidade administrar, então eu acho que isso deveria melhorar, mais material de apoio, deveria ter uma psicóloga coisa que não existe, então tem poucas vagas assim nas escolas, e os alunos têm muitos problemas e não têm como direcionar eles, é muito difícil”.

O Estado atua como o representante oficial de gestão escolar, mas, na prática, transfere aos pais e professores a administração e os

⁸ Associação de Pais e Mestres estabelecidas em cada colégio público.

meios alternativos para se prover a educação, afastando-se da realidade educacional e não percebendo o que acontece naquela realidade, enquanto necessidade pública e profissional nesse campo.

Quando o entrevistado fala das imagens da sociedade sobre o professor, na verdade está exprimindo a percepção que ele, o professor, tem da sociedade, do que percebe de si. Possêidon percebe da seguinte forma:

“Gozado, todo mundo fala que a profissão de professor é importante mas na hora de cobrar todo mundo cobra, e na hora de ajudar todo mundo não colabora, não se manifesta, não se expõe (...) é aquela história, se o aluno vai bem é porque ele estudou se vai mal é o professor (...) a cobrança é nesses moldes, a não ser aquela parte seleta da sociedade que tem a noção exata do valor da profissão de professor, mas é pequena, que tem uma noção exata do valor da profissão e tal”.

Héstia comenta também essa imagem do não-reconhecimento:

“Eu acredito que o professor perdeu bastante sua credibilidade, eu não sei, pode ser até que a gente até seja culpado disso, você tenta conciliar tudo né, conciliar família com escola, trabalho ali, a sua vida particular, então o professor tá muito distante da comunidade, ele vai lá, dá umas duas, três aulas e vai embora”.

Enfim, são aspectos resgatados de experiências individuais que proporcionam a discussão da identidade de uma categoria profissional, questionando, a partir disso, os rumos da Educação pública, num reconhecimento de conflito social na profissão. O professor vive intensamente os dilemas da atualidade. Como resultado deste estudo, percebe-se a identidade em torno de três fortes tendências dentro do seu processo de profissionalização e identificação. Uma é o apego ao tradicional, que ele evoca como meio de legitimar o reconhecimento profissional, na importância que o professor tinha no passado. Outra forte tendência é a grande flexibilidade exigida desse profissional, pela época em que vivemos, onde tudo ganha a característica do mutável e efêmero. Por fim, a terceira é o sentimento forte de descrédito com relação à Educação nas políticas públicas.

Conhecendo o quadro da Educação: do nacional ao locus da pesquisa

A temática da Educação apresenta-se no meio social num formato de múltiplas facetas que a compõem e que estão diretamente envolvidas com o nosso objeto de estudo, o professor. Como um meio de auxiliar esta reflexão, apresento algumas tabelas organizadas através da coleta de dados realizada nos colégios e exposição de números baseados em censos⁹. São informações sobre os professores e dizem respeito ao seu locus de características da sua vida profissional.

Segundo dados apresentados pelo Almanaque Abril¹⁰ sobre o tópico Educação, é notável o grande aumento que o ensino médio sofreu no Brasil, especialmente durante os anos de 2000 e 2001. Na última década (1990 a 2000) houve um acréscimo de 57% no número de alunos matriculados, sendo que a rede pública responde por 86,9 % do ensino médio, parcela que vem crescendo a cada ano. O motivo da expansão das matrículas na rede pública é a queda de poder aquisitivo de grande parte das famílias de classe média, as quais vêm transferindo seus filhos para colégios públicos.

Os números são significativos. Existem cerca de 2,4 milhões de professores nas escolas públicas e privadas nos diversos níveis de ensino em nosso país. No Brasil, havia aproximadamente 401.010 professores de ensino médio em 1999. Cerca de 2,4 milhões de professores nas escolas públicas e privadas nos diferenciados níveis de ensino.

A média salarial, conforme os números do Almanaque Abril¹¹, no ensino médio, é de R\$ 605,07 para uma carga horária de 40 horas semanais. Comparativamente aos Estados Unidos, a disparidade salarial está em que, para uma carga horária de 35 horas semanais, a remuneração alcança até US\$ 3000,00 e essa diferença se torna cada vez maior, dependendo da região do Brasil.

Trabalhando com os dados quantitativos coletados nos colégios de ensino médio e público, temos uma série de idiosincrasias que também participam do processo de construção da identidade profissional do professor.

O funcionamento dos colégios de ensino médio público em Toledo é recente, apesar de alguns casos específicos, como o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, que funciona há 26 anos e, este

⁹ Dados do INEP. Disponível em < www.inep.br >

¹⁰ ALMANAQUE ABRIL: BRASIL ATUAL. São Paulo: 2001. p 132-143.

¹¹ A média salarial é de R\$ 420,10 para as primeiras séries de ensino.

sim, atua somente com o ensino médio.

Outra característica deste ensino médio é a alta concentração de turmas em exercício durante o período noturno, como se vê na tabela abaixo. Tem-se sete colégios desse nível de ensino que só funcionam durante o período noturno. Naturalmente, grande parte desse período abriga a maior concentração de alunos que vivem a dupla jornada, a de trabalho e estudo, uma identificação que certamente implica na maneira de atuação de nosso profissional em sala de aula, coisa que, inclusive, aparece durante a fala de nossos entrevistados, que cita os casos dos alunos trabalhadores, suas dificuldades, as implicações no magistério. Enfim, o aluno é sua referência mais próxima para se perceber, se identificar e se posicionar.

TABELA 1 - TURMAS DIVIDIDAS POR TURNOS ESCOLARES

ESTABELECEMENTOS DE ENSINO	PERÍODO/TURNOS		
	MATUTINO	VESPERTINO	NOTURNO
1. Colégio Estadual Galdino de Lima	-	-	3
2. Colégio Estadual João Cândido Ferreira	-	-	3
3. Colégio Estadual Esperança Cândida Favareto	-	-	3
4. Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva	1	4	3
5. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco	13	10	9
6. Colégio Estadual Aílton Fontana	6	-	9
7. Colégio Estadual Olívia Beal	4	12	8
8. Colégio Estadual Luiz Augusto Moraes Rego	-	-	11
9. Colégio Estadual Jardim Porto Alegre	8	17	9
10. Colégio Estadual Jardim Gisele	-	-	3
11. Colégio Estadual Dario Vellozo	5	3	5
12. Colégio Estadual Novo Horizonte	-	-	4
13. Colégio Estadual Jardim Europa	3	-	9
14. Colégio Estadual Antônio José Reis	3	11	8
15. Colégio Estadual Jardim Maracaná	-	-	12

FONTE: Dados quantitativos recolhidos nos colégios

Os professores, em seu exercício profissional, possuem três tipos de vínculos de trabalho: professor concursado efetivo, professor temporário CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) e professor da PARANÁ EDUCAÇÃO. Cada tipo de vínculo é objeto de contrato diferente e específico.

O professor efetivo¹² é o profissional que ingressou na carreira pela via do concurso público e tem estabilidade de emprego, direitos assegurados dentro da rede de ensino. Tem ainda a oportunidade de crescer dentro da profissão através da progressão numa tabela, denominada Plano de Cargos e Salários, com sentido horizontal e vertical, podendo avançar um ou dois sentidos por ano, de acordo com o tempo de atuação do profissional na área, além da variável da formação profissio-

¹² Aqui se incluem profissionais aposentados regidos pelo chamado Fundo e os professores extraordinários que acumulam aulas em dois padrões de 20 horas.

nal, conforme cursos de aperfeiçoamentos que frequenta, valendo pontuação no processo de avanço. Isto reflete, ao longo dos anos, em aumento na remuneração, e aquisição de licenças-prêmio e formas de aposentadoria. O crescimento dentro da profissão é gradual e ocorre de forma muito lenta, sendo este último, um implicativo de desestímulo.

Em contrapartida, o profissional contratado pelo regime de trabalho CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) não tem as mesmas garantias do professor efetivo. Não tem estabilidade e a sua remuneração é menor. Suas aulas são aquelas que restaram do quadro, não assumidas pelos professores efetivos. Os efetivos escolhem suas aulas levando em consideração seu local de trabalho, estrutura do colégio, o turno de atuação e a matéria na qual está preparado para lecionar. Geralmente, é diferente com os contratados pelo regime de CLT, que possuem um prazo pré-determinado de atuação. Qualquer efetivo pode, no "leilão de aulas", assumir suas aulas, mas, geralmente, o professor CLT trabalha em mais de uma escola para poder preencher sua carga horária de trabalho e garantir sua remuneração.

O professor da PARANÁ EDUCAÇÃO também é contratado por teste seletivo. É o chamado serviço terceirizado dentro da Educação, que tem ainda menos estabilidade de emprego. Contratado temporariamente, na maioria das vezes somente pelo prazo de um ano, depende das aulas que não foram assumidas pelos efetivos e pelos professores CLT. Atua, geralmente, em mais de um colégio e turnos de trabalho com campo de atuação restritos e sua remuneração é menor do a do CLT. Os destinatários dessas vagas, no geral, são professores recém-formados ou em processo de formação.

O vínculo de trabalho que estamos discutindo é fator essencial na identidade desta profissão, pois rege a posição do professor no campo da Educação enquanto profissional. No caso do ensino médio público, gerido pelo governo do Estado, o sistema deveria proporcionar ingresso através de concursos públicos para cargos efetivos e não apenas testes seletivos para empregos celetistas¹³.

¹³ Durante a coleta de dados realizadas entre os períodos de outubro a novembro de 2001, eram inevitáveis os comentários a respeito da situação profissional dos professores, afirmando que há mais ou menos 6 a 7 anos não houve concurso público para contratação de professores e, sim, somente testes seletivos, tornando cada vez mais difícil ao profissional a oportunidade de ingressar como concursado. Espera-se para o ano de 2003 abertura de concurso público para a contratação de professores.

Grande parcela dos professores, pertence ao vínculo de trabalho CLT, selecionados por testes seletivos. Mais uma vez, o Colégio Pre-mem se diferencia dos demais colégios pelo fato de ser o colégio público de maior tradição, que atua somente com ensino médio e que abriga grande parte dos professores efetivos. A presença de professores regidos pelo vínculo com a Fundação PARANÁ EDUCAÇÃO nos colégios de Toledo pode ser considerada baixa.

TABELA 2 - NÚMERO DE PROFESSORES DE ENSINO MÉDIO E PÚBLICO DIVIDIDOS POR VÍNCULOS DE TRABALHO

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO	PROFESSOR/ ESTABELECIMENTO	EFETIVO	CLT	PARANÁ EDUCAÇÃO
1. Colégio Estadual Galdino de Lima	14	5	9	-
2. Colégio Estadual João Cândido Ferreira	13	1	12	-
3. Colégio Estadual Esperança Cândida Favareto	13 *	1	11	-
4. Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva	18 **	2	15	-
5. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco	44	25	18	1
6. Colégio Estadual Atílio Fontana	32 ††	13	13	2
7. Colégio Estadual Olivo Beal	21	11	09	1
8. Colégio Estadual Luiz Olivo Augusto Moraes Rego	16	06	10	-
9. Colégio Estadual Jardim Porto Alegre	40	21	19	1
10. Colégio Estadual Jardim Gisele	14	01	12	1
11. Colégio Estadual Dario Vellozo	31	21	09	1
12. Colégio Estadual Novo Horizonte	15	15	06	3
13. Colégio Estadual Jardim Europa	31 **	11	12	3
14. Colégio Estadual Antônio José Reis	28	16	11	1
15. Colégio Estadual Jardim Maracaná	30	11	19	-

FONTE: Dados quantitativos recolhidos nos colégios

- * 1 professor aposentado - PRO
 ** 1 professor sobre o vínculo de QPM
 †† 4 professor sobre o vínculo de trabalho SCO (extraordinários)

A tabela a seguir demonstra que grande parcela desses profissionais não tem dedicação exclusiva ao ensino médio, lecionando também no ensino fundamental, revelando a realidade da sobrecarga na sua atuação¹⁴.

TABELA 3 - PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO QUE ATUAM TAMBÉM NO ENSINO FUNDAMENTAL PÚBLICO E NO ENSINO PRIVADO

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO	ENSINO FUNDAMENTAL	ENSINO PRIVADO
1. Colégio Estadual Galdino de Lima	06	02
2. Colégio Estadual João Cândido Ferreira	10	-
3. Colégio Estadual Esperança Cândida Favareto	A maioria trabalha também no ensino fundamental, não disponha de dados exatos	03
4. Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva	5	-
5. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco	A maioria atua só no Ensino Médio, não forneceram dados exatos	3
6. Colégio Estadual Atílio Fontana	14	Não forneceram
7. Colégio Estadual Olivo Beal	15	1
8. Colégio Estadual Luiz Augusto Moraes Rego	16	2
9. Colégio Estadual Jardim Porto Alegre	19	1
10. Colégio Estadual Jardim Gisele	1	-
11. Colégio Estadual Dario Vellozo	18	2
12. Colégio Estadual Novo Horizonte	7	3
13. Colégio Estadual Jardim Europa	16	2
14. Colégio Estadual Antônio José Reis	19	3
15. Colégio Estadual Jardim Maracaná	28	2

FONTE: Dados coletados dos colégios de ensino médio.

¹⁴ Ou, ainda, procurando preencher a carga horária, arremata aulas que se deslocam da sua formação profissional específica. Isso acontece geralmente com disciplinas das ciências humanas.

O “leilão” ou a distribuição de aulas define posições de atuação, acontecendo sempre no início do ano, e tem como critérios de classificação o tempo de trabalho, a formação profissional, especializações que podem auxiliar o candidato professor no “ranking” de classificação e distribuição de aulas e influenciar na hora de firmar sua lotação em determinado colégio e vaga. Acontece uma forte disputa interna nesse campo, devido à própria estrutura externa e interna criada a partir dessa distribuição de aulas pelo regime de contratação e pela própria tabela do Plano de Cargos e Salários, instrumentos com os quais o Estado rege as relações de trabalho desses professores.

A remuneração é o ponto de maior insatisfação da categoria, e que está atuando na construção de sua identidade num sentido até pejorativo, porque denota uma desvalorização profissional, além da perda de prestígio. A média salarial deste servidor público apresenta-se bastante defasada já que, segundo professores e funcionários, não há aumento salarial há seis anos. Para se alcançar elevação salarial é necessário ficar dois anos na mesma colocação, o avanço pode ocorrer de maneira diagonal de acordo com cursos de especialização¹⁵. Outro detalhe importante, e que clareou mais uma dimensão desse aspecto remunerativo, refere-se ao fato de os salários dos professores de nível fundamental e médio não se diferenciarem.

Tal política de salários por parte do Estado vem gerando muita insatisfação e conflitos entre os professores. O resultado é a desmotivação para lecionar, porque, entre outros obstáculos, há dificuldades para ascender na carreira, pois faltam condições de acompanhar os avanços constantes que estão acontecendo à sua volta, ou cursar, com maior frequência, cursos que levariam à promoção. Esse é um dos fatores marcantes na construção da imagem e da identidade do profissional professor de hoje. Nas suas falas, conjugam-se a percepção do desprestígio com o dado objetivo da pouca atratividade do ofício:

“Eu não acho justo que o cara vai ter que estudar a vida inteira para ter uma profissão e ela não ser conivente com ele...”¹⁶

“Pouca gente sonha em ser professor (...) é uma profissão mara-

¹⁵ Como meio comparativo, solicitamos também, de modo espontâneo pelos colégios privados da cidade, para que informassem uma média geral da forma como os professores de ensino médio eram remunerados em seus estabelecimentos. Dos três colégios, o Colégio La Salle respondeu, sinalizando com um valor da hora-aula de R\$ 9,70. Neste valor estão inclusos o descanso semanal remunerado e a hora-atividade.

¹⁶ Relato do professor Possêidon, professor entrevistado.

vilhosa mas mal remunerada, e a remuneração ainda é um ponto forte na escolha, talvez não devesse ser...¹⁷.

O alto índice de evasão escolar nos colégios de ensino público (principalmente no período noturno) em Toledo revela um aspecto determinante na construção da identidade do professor. O problema da evasão, basicamente assentado na atitude desinteressada dos alunos, é um fator gerador de desânimo no professor, com implicações na perda de turmas de trabalho, conforme alguns casos relatados, a solução é conhecida, ou seja: juntam-se duas turmas que ficaram menores em uma turma maior¹⁸.

TABELA 4 - NÚMEROS DA EVASÃO ESCOLAR NOS ALUNOS DE ENSINO MÉDIO E PÚBLICO DURANTE O ANO LETIVO DE 2001

ESTABELECIMENTOS DE ENSINO	ALUNOS MATRICULADOS X CURSANDO		DADOS EVASÃO
	*INICIO 2001	ATUALMENTE *	
1. Colégio Estadual Galdino de Lima	117	65	52
2. Colégio Estadual João Cândido Ferreira	122	88	34
3. Colégio Estadual Esperança Cândida Favareto	135	100	35
4. Colégio Estadual Ayrton Senna da Silva	197	152	45
5. Colégio Estadual Presidente Castelo Branco	1189	1200	-
6. Colégio Estadual Atilio Fontana	512	499	13
7. Colégio Estadual Olívio Deal	102	120	-
8. Colégio Estadual Luiz Augusto Moraes Rego	455	-	-
9. Colégio Estadual Jardim Porto Alegre	595	703	-
10. Colégio Estadual Jardim Gisele	82	94	-
11. Colégio Estadual Dário Vellozo	1060	850	210
12. Colégio Estadual Novo Horizonte	169	121	48
13. Colégio Estadual Jardim Europa	500	429	71
14. Colégio Estadual Antônio José Reis	492	348	144
15. Colégio Estadual Jardim Maracaná	524	466	68

Quanto à questão da formação profissional dos professores de ensino médio, a grande maioria é graduada, segundo a coleta de dados quantitativos, atuando na sua área de formação, embora algumas disciplinas fujam à regra²⁰.

Considerações Finais

Assumindo o desafio de retomar e trazer a Educação para o palco

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Deve levar-se em consideração que, de 15 colégios de ensino médio em Toledo, há cinco colégios em que houve o processo contrário, pois acresceram-se mais alunos além dos que já estavam matriculados. A coleta dos dados aconteceu entre os meses de setembro e outubro de 2001.

²⁰ É o caso da implantação de Filosofia e Sociologia, conforme a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). O campo de estudo do sociólogo, por exemplo, é ocupado por outros profissionais não graduados na área, em especial pelos filósofos e pedagogos. A grande maioria dos professores, como se pode verificar também nesses dados quantitativos, possuem o nível da pós-graduação, geralmente abrangendo questões mais gerais, não diretamente ligadas às disciplinas que lecionam. É um dado positivo para o quadro da Educação, embora se possa notar que a grande frequência da pós-graduação possa ser interpretada também como um recurso para se elevar o nível salarial bastante defasado.

dos debates junto à academia no *locus* de conhecimento que assume a universidade, apresenta-se uma ótima oportunidade de discutirmos a dimensão com que esse profissional atua na formação do indivíduo, recuperando a relevância da Educação, relevância que passa despercebida junto a outras dimensões e temáticas sociais mais privilegiadas que se encontram em discussão no momento.

Na recuperação das falas dos professores estão diretamente expressos os sentidos da profissão. É o sujeito professor olhando para o fenômeno da identidade-educação e apontando os elementos que o modelam. Ele é a testemunha "ocular" do que acontece na Educação, quando relata proximidades de si em atuação. É um ajustamento do privado ao público. O fato de ter que assumir mais horas de trabalho, o implicativo dentro da sua rotina, seu cansaço, seu desânimo, revelando as estruturas que o cercam, o aluno, os pais, a sociedade em geral, o Estado que elabora os planos de cargos e salários e enquadra em carreiras pouco motivadoras, e a responsabilidade social envolvida no ato de formar mais do que alunos mas cidadãos para a vida, foram dos elementos captados entre os inúmeros outros que auxiliam na construção da identidade profissional do professor.

A trajetória profissional e pessoal de cada entrevistado revela pequenos detalhes, a vivência do individual no social, que dão vida ao seu ofício e que constituem situações similares a de outros professores. No resgate da noção de vocação, os professores atribuem a si o lado positivo da profissão, mesmo diante de tantas problemáticas que os cercam. Na vivência do cotidiano, desenvolvem uma distinção em que ser professor é "algo que vem de dentro, na paixão em lecionar", como dizem os entrevistados, no elevado grau de responsabilidade, quando trabalham com o elemento humano, quase um "ethos" profissional. O aluno aparece com uma dupla face: pode ser o incentivo ou o desestímulo do professor. Incentivo, ao vê-lo crescer, mas desmotivação, quando há o desinteresse e a evasão, provocando um vazio, ocasionando perda de turmas e perda do elemento de referência.

O Estado, o "outro" o qual o professor toma como referencial para falar de si, é visto de forma indignada, revoltada e desacreditada, pela forma desmotivadora em que o professor é lançado no projeto da escola, sem uma efetiva infra-estrutura adequada à sua realidade, sem materiais de apoio, sem orientação psicológica e sem o acesso real ao mundo da informática. O plano de cargos e salários e a remuneração defasada revelam uma forma quantificável de repasse de valor ao seu

exercício, valor que não condiz, segundo os professores, com o envolvimento, o aperfeiçoamento e a habilidade emocional que é exigida e com a necessidade social da educação do indivíduo na sociedade, banalizando a profissão, causando um sentimento de desprestígio e de não-reconhecimento da atuação do professor no meio social.

As tabelas comentadas apresentam números bastante expressivos e também contribuem num processo de maior entendimento e contextualização da Educação em torno de um recorte de estudo.

A dinâmica desse processo identitário certamente não se estagnou e apresenta-se a todo o meio social, inclusive, e, especialmente, junto a esse profissional em discussão uma possibilidade de mudanças em torno dessa construção que é uma atividade constante. Este estudo apresenta uma realidade, dos muitos desdobramentos possíveis em torno da pesquisa como meio de conhecimento e intervenção no meio social.

Bibliografia

- ALBERTI, Verena. *História oral, a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, (Mimeo).
- ALMANAQUE ABRIL: BRASIL ATUAL. São Paulo: 2001. p 132-143.
- BONELLI, Maria da Glória. *Os desembargadores do tribunal de justiça de São Paulo, 1873-1997: perfil social e construção da identidade profissional*. Petrópolis: ANPOCS, 2000.
- _____. Os estudos sobre profissões nas ciências sociais brasileiras. *Boletim Informativo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 41, 1º semestre de 1996. p. 109-142.
- BOURDIEU, Pierre; NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio (org.). *Escritos de Educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. A dissolução do religioso. In: BORDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 119-125.
- _____. *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CASTELS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. V.2.
- COLOGNESE, Sílvia Antônio e co-autores. *Identidade e organizações étnicas entre os descendentes de italianos*. Revista Tempo Social. vol. 7, n. 14. Jul./dez. 2000. p. 53-61.
- COLOGNESE, Sílvia Antônio. *A dinâmica das identidades*. Revista Tempo

- de Ciência. Vol. 6, n. 12, 1999. p. 7-10.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 1999.
- DURHAM, Eunice Ribeiro. *A educação no governo de Fernando Henrique Cardoso*. Tempo Social: Revista de Sociologia. USP, São Paulo, 1999.
- FORQUIN, Jean Claude (org.). *Sociologia da educação: dez anos de pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FREIDSON, Eliot. *Para uma análise comparada das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais*. Revista Brasileira Ciências Sociais, n. 31. Jun. 1996.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- I E II CONFERÊNCIAS DE EDUCAÇÃO. *Anais*. Cascavel - Paraná, 1998.
- LEVINE, Donald Nathan. *Visões da tradição sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Os (des) caminhos da identidade*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 15, n. 42. Fev. 2000.
- PEREIRA, Luiz. *O magistério primário numa sociedade de classes*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1967.
- ROSSATO, Ricardo. *Licenciaturas: desafios e perspectivas*. Revista Tempo de Ciência, 1994. p. 23.
- SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. *Educação*. Disponível em: <<http://www.pr.gov.br>> Acesso em: abr. 2002.
- SORJ, Bila. *Sociologia e trabalho: mutações e desencontros*. *Revista Brasileira Ciências Sociais*, Vol. 15, n. 43. Jun. 2000.
- SCHWARTZMAN, Simon. *A redescoberta da cultura*. "Educação e modernidade". São Paulo: FAPESP, 1997.
- THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias*. In: *Revista Projeto História*, São Paulo: EDUC, 1997.